

LUIZ BRAILLE

Jacob Streit

**A grande invenção de um menino cego:
a escrita para quem perdeu a luz dos olhos**

COM ILUSTRAÇÕES DE:

Christiane Lesch



INDICE

1. De como aconteceu o Acidente na Oficina	9
2. O Menino cego	14
3. A Visita do Cavaleiro	18
4 O jovem Padre	22
5 Na Casa paroquial	26
6 A segunda Aula	34
7 A Escola da Aldeia de Coupvray	39
8 A grande Mudança	42
9 A primeira Noite	48
10 O Começo do Dia	51
11 O Tempo vai passando	53
12 Verão em Coupvray	55
13 A Segunda-feira	59
14 Jogando Dados	62
15 De Volta ao Lar dos Cegos	65
16 Uma Festa muito especial	68
17 Já temos a Escrita de Pontos!	69
18 Sarau em Paris	74
19 Luiz e o Diretor Pignier	80
20 O jovem Professor auxiliar	83
21 Troca de Diretores	86
22 A Conversa com o doutor Guadet	90
23 No novo Lar dos Cegos	93
24 A Despedida	97
25 Fama tardia	100
Bibliografia.....	104

1- DE COMO ACONTECEU O ACIDENTE NA OFICINA

Ao completar três anos de idade, o pequeno Luiz recebeu de presente do pai um cavalinho de brinquedo, feito de um pedaço de couro grosso. O cavalinho era bem pequeno, estreito e chato, mas, conseguia ficar de pé. As patas dianteiras e as patas traseiras estavam inseridas numa tabuinha de madeira. Luiz lhe fizera arreios com fios coloridos de novelos de lã.

Simão, o pai, tinha uma oficina em que se fabricavam selas. Havia por todo canto pedaços que sobravam de couro recortado. Ele sabia fazer selas muito boas mesmo. Muitos cavaleiros vinham de longe e iam lá com seus cavalos. Simão tirava as medidas do lombo do cavalo e observava com cuidado em que pontos os ossos ficavam salientes. Pois suas selas deveriam ajustar-se perfeitamente ao animal, para que não lhe causassem dores quando fosse montado. Quando Simão trabalhava na oficina, o pequeno Luiz tinha permissão de ficar ali olhando. Se o pai deixasse cair um pedaço de couro no chão, o menino o apanhava e levava ao nariz. Ele gostava tanto do cheiro do couro.

Certa vez, perguntou: “Papai, por que o couro novo tem um cheiro tão bom?” E o pai respondeu: “O couro vem da pele do gado. As peles apodreceriam como a carne se fossem simplesmente largadas por aí. Mas o curtidor pega essas peles, raspas-as até deixá-las bem limpas e, em seguida, as esfrega com cascas de carvalho moídas. É a casca do carvalho que tem esse

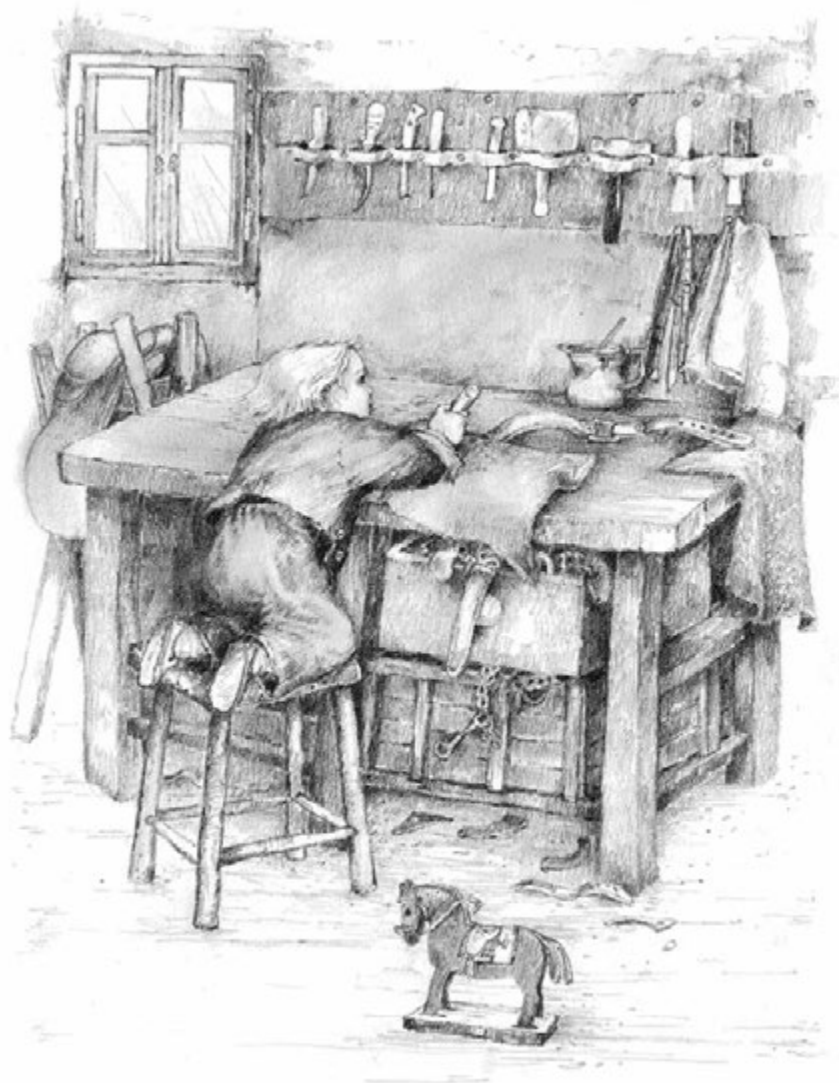
cheirinho bom. O curtidor deixa a pele do gado de molho em água com casca de carvalho por muitos dias, e isso torna o couro flexível.”

“Quando eu for grande, também posso me tornar seleiro, Papai?”, perguntou Luiz. “Vou então sentir sempre o cheirinho do couro.”

“Sim, quando você for um pouco maior, eu deixo que me ajude na oficina,” disse Simão. “Mas, preste atenção, minhas facas e sovelas são todas muito afiadas e pontiagudas. Você poderia até decepar um dedo. Portanto, não toque nestas ferramentas enquanto não tiver mais idade e mais força também.”

“Sim, Papai”, respondeu Luiz, e viu como o pai cortava, com uma faca afiada e pontuda, uma tira de couro de um pedaço grande apoiado sobre uma prancha.

Uma semana mais tarde, o pai saiu de carroça para comprar couro. O pequeno Luiz foi até a oficina, queria brincar com seu cavalinho de couro. Viu em cima da bancada uma pontuda faca de dois gumes e pensou: “Agora já sou maior e mais forte que na semana passada.” Apanhou num canto um pedaço de couro, ficou diante da bancada e pegou a faca. O pedaço de couro era duro. Luiz queria cortá-lo em dois. Segurou-o com uma das mãos, com a outra prensou nele com força a faca, que escapou e atingiu seu olho. Uma dor horrível! Um grito! A faca caiu no chão. Luiz comprimiu com as mãos o olho ferido. A mãe, alertada pelos gritos, veio correndo da cozinha. Pegou o menino no colo, levou-o para seu quarto e deitou-o na cama. “Calma, calma, fique quietinho, meu amor! Tire as mãos do rosto, elas estão sujas. Vou lavar o sangue, depois preparo um chá para olhos e faço uma



compressa.” Mas como Luiz continuasse a chorar ela o consolou: “Fique bem quietinho, o chá vai tirar a dor!”.

Quando a mãe saiu do quarto, Luiz percebeu que a enxergava só com um dos olhos. Demorou um pouco até ela voltar. Ela mergulhou um retalho de linho branco no chá quente, agitou-o no ar para que esfriasse um pouco. Em seguida, dobrou-o e o estendeu sobre o olho ferido. “Está ardendo”, choramingou o menino. A mãe pediu a uma vizinha que fosse buscar o médico da aldeia; pois não queria deixar a criança sozinha. Sentou a seu lado na cama e cantou bem baixinho as cantigas que ele tanto gostava de ouvir. Depois, contou-lhe a história do “Gato de Botas”. Finalmente, o médico chegou. Examinou o olho e sacudiu a cabeça. Foi buscar em sua maleta um pouco de pomada que passou num paninho, e o pôs em cima do olho com uma atadura dando a volta na cabeça. Devido à sujeira que entrara no ferimento por meio da faca e das mãos sujas do menino, formou-se ali uma dolorida inflamação. Nem a mãe, nem o médico conseguiram impedir que a inflamação atingisse também o outro olho. Quando a mãe se sentava na beira da cama de Luiz, ele tinha a impressão de que uma névoa passava diante do semblante querido. Luiz não conseguia mais vê-la com clareza, enquanto ela cantava para ele e lhe contava histórias. Do pai, ele não via senão uma sombra. Foi ele quem lhe trouxe o cavalinho de couro, pondo-o em cima da cama. Luiz o acariciava sempre e sentia o cheirinho da casca de carvalho. O cavalinho dormia com ele sobre o travesseiro.

Chegou um dia em que Luiz perguntou: “Mamãe, a noite está tão comprida. Quando vai chegar o sol? Quando vai ficar de dia?” A mãe pegou Luiz no colo. De que maneira ela lhe deveria dizer que ele estava cego para sempre? “Querido filhinho”, respondeu

ela, hesitante, “você precisa aprender a enxergar com os dedos. Sinta meu cabelo, sinta minha orelha, meu nariz!” Luiz passou a mão bem devagar pelos cabelos da mãe. Delicadamente os dedos tatearam a orelha, seguiram pelo rosto até o nariz. “Mamãe”, disse Luiz, “seu rosto está molhado debaixo dos olhos. Por que você está chorando?” – “Ah, meu querido! Estou triste porque você não pode mais ver o sol. Mas vou sempre cantar para você e lhe contar histórias. A vizinha prometeu trazer-lhe um gatinho; você poderá fazer carinho nele todos os dias.” – “Mamãe, vou ficar muito contente com o gatinho! Ela vai trazê-lo amanhã, não é?”

2 - O MENINO CEGO

Dentro de pouco tempo, Luiz já conseguia se orientar dentro de casa, subindo e descendo escadas. Aprendeu a pôr a mesa, sabia o lugar das travessas, dos pratos e das xícaras. Levado pela mão da mãe, ia ao poço da aldeia buscar água. Fazia questão de levar o balde vazio. O balde cheio ele carregava junto com a mãe, trazendo-o de volta até a cozinha.

Na frente da casa havia um pequeno banco, ali Luiz ficava sentado muitas vezes sozinho, ouvindo os passarinhos que cantavam na tília ao lado da casa. Assobiando, Luiz procurava imitar seus cantos. Quando a carroça de um lavrador passava pela rua, o menino acenava e exclamava: “Bom dia!” ou “Boa tarde!”. E os carroceiros respondiam. Seus ouvidos foram ficando tão aguçados que, em pouco tempo, já reconhecia várias pessoas pela voz e as chamava pelo nome. Punha sempre seu gatinho no colo e brincava com ele. Todos os moradores do lugar gostavam do pequeno e simpático Luiz. Simão, o pai, lhe fizera uma bengala; com ela, ele podia andar sozinho pela aldeia. Naquele tempo ainda não havia carros, nem mesmo bicicletas. Ao caminhar, Luiz movia a bengala de um lado para o outro à sua frente para perceber os obstáculos.

Passou-se um ano. Certa vez, a mãe e o pai estavam sentados na cozinha, quando ouviram Luiz assobiando lá fora a melodia de um pássaro. O pai, com a fisionomia séria, olhou para a mãe que descascava batatas. “Que será de nosso querido Luiz quando lhe

faltarmos?”, disse ele. “Será que ele vai ter de mendigar de porta em porta, pedindo por um pouco de comida? Quem lhe dará roupas e sapatos?”

A senhora Braille enxugou uma lágrima, mas depois disse: “Ele é tão inteligente e tem mãos tão hábeis. Certamente poderá ajudar um pouco na oficina. Ensine-o a fazer rédeas trançando tiras de couro! Com certeza ele também vai saber lustrar com cera as selas já prontas.”

Do lado de fora, Luiz cantava uma canção infantil.

**Quando, em seu cavalo, já galopa o cavaleiro,
E da mata o vento vem zunindo o tempo inteiro,
Voa o cavaleiro e vai pulando pedra e valo.
Vai feliz à luz do sol, montado em seu cavalo!**

Subitamente, Luiz entrou pela cozinha e anunciou todo feliz: “Eu estava cantando, e de repente o sol brilhou em minhas mãos. Sinta, Mamãe, elas estão bem quentinhas!” E ele foi Tateando para junto da mãe, pôs as mãos no rosto dela e o aqueceu. “Mamãe, agora lhe dei o sol de presente, porque você é sempre tão boa para mim!” – “Luiz, você quer me ajudar hoje na oficina, polindo as novas selas com cera?”, perguntou-lhe o pai. “Hoje à tarde o cavaleiro virá buscá-la.” Luiz respondeu, animado: “Sim, Papai. Isso eu faço com prazer! A cera tem um cheiro tão bom!”

Pouco depois, estavam pai e filho sentados na oficina, e Simão mostrou a Luiz como passar um pouco de cera num paninho e

assim polir o couro da sela. Luiz fazia o trabalho com tanto cuidado e habilidade que o pai ficou espantado. Conforme Luiz esfregava o paninho, o gatinho pulava e o mordia. Luiz achou graça e, vez por outra, passava a mão untada de cera no pelo macio. E, assim, também o gato ficou cheiroso. De repente, o menino perguntou: “Papai, de onde vem a cera? Ela tem um cheiro tão bom! Melhor ainda que o do couro.”

Enquanto ia trabalhando, Simão contou: “A cera nos é dada pelas abelhas. Elas vão buscar o mel nas flores. Na colmeia, centenas de abelhas se engancham umas nas outras formando um amontoado de abelhas. Isso gera calor. Elas zumbem e transpiram, zumbem e transpiram. E, assim, o mel transformado em cera aparece como pequenas escamas entre os anéis de seu corpo.” – “Papai, e por que nós não temos nenhum anel no corpo?”, perguntou Luiz. “Poderíamos comer mel e também transpirar cera.” O pai sorriu. Quanta coisa passava pela cabeça daquele menino! E ele respondeu: “Deus criou as abelhas para o mel e a cera, as galinhas para botar ovos, as vacas para dar o bom leite.” – “E os cavalos para montar!”, completou Luiz. “Mas, para que Deus criou o homem, Papai?” – “Deus criou o homem para trabalhar”, respondeu-lhe o pai, “e também para que alguém visse a beleza da Criação e a admirasse...” O pai interrompeu bruscamente a frase. Luiz olhava fixamente para o vazio com seus olhos cegos e parou de lustrar a sela. Depois de um curto intervalo, disse baixinho para si mesmo: “E Deus criou o homem também para que pudesse sentir o perfume das flores, o cheiro do couro e da cera, para que pudesse ouvir o badalar dos sinos da igreja e a música do órgão e o canto. Também nos deu os dedos delicados para podermos acariciar o gatinho, o Papai e a Mamãe queridos e o calor do sol

que aquece nossas mãos, e fez com que pudéssemos espadanar na água e pudéssemos sentir a casca dos troncos das árvores da floresta e o musgo macio e ouvíssemos o vento zunindo e o ribombo do trovão... Oh, Papai, como é rico e belo o mundo!” E Luiz voltou a lustrar a sela até que o pai lhe disse: “Agora já basta! Você trabalhou maravilhosamente, meu querido.” E ele abraçou o filho apertando-o contra o peito, e Luiz, muito contente, disse: “Se fôssemos abelhas, Papai, estaríamos transpirando cera agora!”